



## Artigo

**Mídia:** Revista  
**Autor:** Damasceno, Diego  
**Edição:** 260 - 07/04/ 13  
**Página:** 20 - 21  
**Fonte:** Revista Muito

Electrooperativa, plataforma digital de criação artística, Gilberto já fez música usando celulares, mas não gosta do termo "músico eletrônico". "Pra mim, é orgânico. Nunca pensei do termo cultura digital. É algo que nasceu morto".

Viver em Salvador é um desafio para profissionais que, como Gilberto, mantêm os pés na terra e as antenas no mundo. Mas seu modo de trabalhar — criando espaços midiáticos próprios — conectado ao que se produz, discute e consome em várias partes do mundo — revelam uma Salvador além do clichê. Cidade em que o provinciano convive com o cosmopolita e onde a tradição é matéria-prima do novo.

Alheio aos pontos de ônibus lotados e ao ranger de portas de metal das lojas do Centro, onde mora, Fábio Magalhães embala telas que serão enviadas ao Rio, onde irá expor, entre os dias 16 e 23. De lá, seguirá para Brasília. "Em Salvador, você expõe em todos os lugares, mas e depois? Vai se repetir? Estou expandindo meu trabalho. Hoje ele está mais fora do que aqui".

Difícil de descrever, as pinturas de Fábio nascem de "performances" que ele protagoniza e fotografa. Depois, usa óleo sobre tela para pintar. As fotos são destruídas. "Uso uma técnica de 400 anos, mas também o computador. Tudo está contido em tudo", diz Fábio, que se sente mais próximo de Francis Bacon e Jenny Saville do que de artistas locais. "Minha pesquisa é interna. Não saio na rua para me inspirar". Integrante do coletivo Territórios, que conta com quatro pintores de diferentes estados, Fábio foi um dos 45 selecionados do Rumos Itaú Cultural em 2012. "O artista hoje é responsável pelo que faz. A ingenuidade foi banida".

## CIDADE SATÉLITE

Profissionais inseridos em redes, e que criam espaços midiáticos próprios, apresentam uma investigação intensa e contemporânea que revela uma Salvador além do clichê

São 10h30 de uma terça-feira quando o músico Gilberto Monte entra em uma cafeteria no bairro da Graça. Ao sentar, pede café e pães de queijo. Uma hora depois, estaria de volta à sua casa, trabalhando em um projeto da performer Marina Abramovic. "É uma artista internacional que vem ao Brasil gravar um documentário, acompanhada de uma produtora de São Paulo. Busca, em Salvador, alguém para participar da trilha sonora", ele explica. "Isso mostra que, quando você circula, seu trabalho se conecta a outras esferas. Não é preciso morar em São Paulo ou Nova York para trabalhar com quem cria nessas cidades".

preciso morar em São Paulo ou Nova York para trabalhar com quem cria nessas cidades".

Fundador do grupo de música eletrônica tara\_code e ex-integrante da Electrocooperativa, plataforma digital de criação artística, Gilberto já fez música usando celulares, mas não gosta do termo "músico eletrônico". "Não ponho a tecnologia em pauta. Pra mim, é orgânico. Nunca gostei do termo cultura digital. É algo que nasceu morto".

Viver em Salvador é um desafio para profissionais que, como Gilberto, mantêm os pés na terra e as antenas no mundo. Mas seu modo de trabalhar - inserido em redes ou criando espaços midiáticos próprios - e sua produção - conectada ao que se produz,

discute e consome em várias partes do mundo - revelam uma Salvador além do clichê. Cidade em que o provinciano convive com o cosmopolita e onde a tradição é matéria-prima do novo.

Alheio aos pontos de ônibus lotados e ao ranger de portas de metal das lojas do Centro, onde mora, Fábio Magalhães embala telas que serão enviadas ao Rio, onde irá expor, entre os dias 16 e 23. De lá, seguirá para Brasília. "Em Salvador, você expõe em todos os lugares, mas e depois? Vai se repetir? Estou expandindo meu trabalho. Hoje ele está mais fora do que aqui".

Difícil de descrever, as pinturas de Fábio nascem de "performances" que ele protagoniza e fotografa. Depois, usa óleo sobre tela para pintar. As fotos são

destruídas. "Uso uma técnica de 400 anos, mas também o computador. Tudo está contido em tudo", diz Fábio, que se sente mais próximo de Francis Bacon e Jenny Saville do que de artistas locais. "Minha pesquisa é interna. Não saio na rua para me inspirar". Integrante do coletivo Territórios, que conta com quatro pintores de diferentes estados, Fábio foi um dos 45 selecionados do Rumos Itaú Cultural em 2012. "O artista hoje é responsável pelo que faz. A ingenuidade foi banida".